

OS LAÇOS SOCIAIS NA ERA DIGITAL: AS CRIANÇAS E AS WEBCELEBRIDADES

Silvana Sarno ¹

RESUMO

Busca-se, neste texto, discutir a infância contemporânea apontando elementos para repensar a criança, em sua alteridade em relação ao adulto. Considerando a relevância das tecnologias, especificamente das mídias digitais mediando relações e construindo significações, discutiremos as experiências de infância na cultura contemporânea, sobretudo no que diz respeito à sua relação com as mídias digitais, experiência esta que afeta seu modo de ser, de viver e de se relacionar. O artigo pretende contribuir para o debate teórico sobre a infância, à luz das transformações sociais associadas às interações das crianças nas mídias digitais com as webcelebridades. Para isso foi realizada uma revisão sistemática da literatura nos portais SciELO, Google Acadêmico e Plataforma de periódicos da CAPES, de trabalhos revisados por pares e indexados nos referidos bancos de dados entre 2007 e 2017. De acordo com o levantamento realizado, a análise da interação com as webcelebridades nos diários virtuais poderá trazer um entendimento sobre a infância e os processos de desenvolvimento e de construção de sentidos e significados pessoais e culturais na sociedade contemporânea, possibilitando compreender a alteridade em relação ao outro como dimensão constitutiva do existir humano.

Palavras-chave: Infância. Mídias digitais. Webcelebridades

1 INTRODUÇÃO

No interior do campo científico, a psicologia afirmou-se historicamente como espaço privilegiado de produção de conhecimento sobre o processo de desenvolvimento da criança. Os avanços nos estudos no campo da psicologia ocorridos nas últimas décadas, e mais especificamente as contribuições da psicologia cultural semiótica propõem uma mudança na forma de pensar o estudo do desenvolvimento que longe de ser um fenômeno linear, implica movimento e transformação. A premissa central aqui é a de que ‘a criança’ não é uma categoria natural ou universal, determinada simplesmente pela biologia.

A partir da ampliação dos referenciais disciplinares de estudo da infância verifica-se a produção de uma história da infância, de uma antropologia da infância, de uma filosofia da infância e, de uma sociologia da infância. Tais campos, ao mesmo tempo em que se ancoram nos referenciais epistêmicos das distintas disciplinas, vem estabelecendo interseções interessantes, buscando apreender a infância como construção social.

¹ Psicóloga. Mestre em Educação e Doutoranda em Psicologia pela UFBA. Docente dos cursos de Comunicação Social e Psicologia da UCSAL, silvana.sarno@pro.ucs.br

Para o entendimento da infância como uma construção social se faz necessário analisar as condições sociais em que as crianças vivem, portanto, as práticas sociais e culturais que têm marcado a sociedade contemporânea. Entre elas, a mídia, entendida no sentido específico de “meios de comunicação” é considerada uma instância socializadora de extremo destaque, funcionando como uma central distribuidora de sentido, constantemente produzindo e oferecendo modelos que servem de suporte para as identificações constitutivas do sujeito (ALCÂNTARA; CAMPOS, 2006).

A mídia, portanto, na configuração histórica e cultural contemporânea se tornou um problema teórico para a psicologia na medida em que sua relação com as crianças gera novas significações sobre si e sobre o mundo. A ideia que atravessa este projeto é a de que as crianças interferem e afetam a dinâmica social e cultural do mundo adulto ao mesmo tempo em que são afetadas por suas complexas transformações.

A compreensão da pluralidade da infância reside na ideia de pensar a criança inserida nos diferentes contextos em que vive. Philippe Ariès, pesquisador de referência no estudo sobre a infância, em sua obra *História Social da Criança e da Família*, publicada em 1960, apresentou uma leitura da iconografia da era medieval à modernidade, observando as representações da infância na Europa ocidental, especialmente na França, sinalizando a infância como produto da vida moderna, resultante das modificações na estrutura social. Ariès argumenta que a criança medieval era invisível e o mundo da infância não tinha existência autônoma já que eram inseridas na mesma esfera social dos adultos. Até o século XIX, as crianças eram tratadas como pequenos adultos, e é somente a partir da modernidade que surge o “sentimento de infância”, expressão usada pelo autor para designar o reconhecimento da particularidade infantil que distingue essencialmente a criança do adulto.

O interesse pela infância propagado pela modernidade inaugura a preocupação com a criança e sua formação: leis sobre o trabalho infantil, instrução obrigatória para todos, e um sistema judicial para criminalidade juvenil definiram o modo como as crianças eram diferentes dos adultos e deviam ser tratadas de acordo com sua condição, porém, o objetivo não era a criança em si, mas a construção do adulto de amanhã.

Em seu livro “O Desaparecimento da Infância”, Postman (2012) discute como surgiu e se desenvolveu o conceito de infância no decorrer dos tempos, especificando como as condições de comunicação interferiram na sua concepção. Para Postman (2012) foi a partir da criação da prensa tipográfica, conseqüentemente dos livros, que se demarcou uma separação entre crianças e adultos. Em um mundo letrado, as crianças precisariam aprender a ler e assim poder se transformar em adultos, vivenciando rupturas e construindo uma compreensão da

criança como ser social reconhecido na sua complexidade. Nessa perspectiva Postman (2012) também considera que, com o advento da mídia eletrônica televisiva, com as imagens da televisão disponíveis para todos, independentemente da idade, as diferenças entre crianças e adultos desmoronam. Seus argumentos apontam para a relevância da passagem do surgimento da prensa tipográfica para o desenvolvimento da mídia eletrônica, como transformadores da concepção de infância enquanto estrutura social. Em sua perspectiva, os meios de comunicação afetam diretamente o processo de socialização; assim, a prensa tipográfica criou a infância e a mídia eletrônica a tem feito desaparecer.

No campo psicológico, o estudo sobre a epistemologia genética desenvolvido por Piaget (1983) firmou-se como um primeiro campo de investigação sobre a infância e de significativa contribuição para construção de referências teóricas-metodológicas. Interessado na compreensão da gênese da construção do conhecimento Piaget parte de uma visão evolucionista do desenvolvimento humano organizada em estágios cada vez mais complexos. Essa perspectiva de entendimento do processo do desenvolvimento em etapas evolutivas ao mesmo tempo em que toma a infância como uma preparação para a vida adulta possibilitou o reconhecimento da criança como sujeito do conhecimento, um sujeito que se organiza de forma diferente da do adulto e se expressa em suas produções simbólicas e particulares.

Nos últimos 20 anos, diversos estudos e pesquisas empíricas documentaram a existência de uma pluralidade de culturas infantis e os significados atribuídos à infância foram demarcados de forma bem específica em função do momento e contexto social. Recentemente, a investigação da alteridade da infância vem sendo desenvolvida pelos chamados estudos da infância (childhood studies), que vêm produzindo um novo olhar sobre a criança em distintos campos disciplinares.

O conceito de cultura infantil tem sido referido à sociologia da infância. Autores como Sarmiento 1997; Qvortrup, 2008, Corsaro, 2005, Pinto, 1997, Sirota, 2011 vêm tematizando a especificidade da cultura infantil, analisando suas produções simbólicas e estratégias de produção. A crítica que tais estudos fizeram ao entendimento das crianças como protagonistas silenciosos levou a um novo paradigma da infância, que considera as crianças como agentes e autores ativos do processo de socialização. Sarmiento e Pinto destacam que as culturas infantis não são exclusivas do universo simbólico infantil, universo esse que não é fechado, e sim extremamente permeável e atento à reflexividade social global. Portanto, “a interpretação das culturas infantis não pode ser realizada no vazio social e necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem” (SARMENTO, PINTO apud FANTIN 2016, p. 602).

Tomaz (2016) após uma revisão de literatura sobre a relação infância e mídia identificou as perspectivas principais que embasam o conceito de infância enquanto construção social. A autora organizou os resultados em dois grupos, no primeiro, ela indicou aqueles que analisam como a mídia retrata as crianças e como constroem a realidade da infância e tratam de mensurar os efeitos da mídia sobre as crianças. No segundo, grupo com maior quantidade de trabalhos identificados, ela indicou aqueles trabalhos que abordam o que as crianças fazem com a mídia, o que produzem a partir do consumo dos produtos da indústria cultural e como produtora de cultura. Como conclusão do estudo a autora considera que a relação entre infância e mídia tem sido percebida como uma articulação, de modo que a produção de sentidos é mediada, não unilateralmente dada pela mídia, havendo uma intencionalidade de ambas as partes, as quais se manifestam em sucessivos processos de negociação simbólica.

Martins e Castro (2011) interessadas pelos efeitos da tecnologia sobre a formação e processo de subjetivação das crianças consideram que a vivência em uma sociedade tecnológica potencializa deslocamentos importantes para a infância, promovendo uma nova percepção de mundo, de relação de autoridade e de construção de habilidades cognitivas.

Livingstone (2016) em suas pesquisas sobre os riscos e a segurança da relação entre a criança e a internet, na perspectiva da psicologia social se interessa sobre efeitos da exposição na mídia sobre as atitudes, crenças e comportamentos das crianças. Nesse artigo a autora discute as escolhas intelectuais e políticas que os pesquisadores fazem quando enquadram seu trabalho em termos de efeitos (muitas vezes focados em riscos) ou direitos (com base na Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança).

Em seus estudos Pereira (2014) aponta o reposicionamento da infância na cultura em função das novas relações que as crianças estabelecem com as tecnologias, e discute a importância do reconhecimento das crianças como atores sociais plenos, e não mais como personagens passivas no processo, provocando uma reflexão sobre o contraponto entre expertise e a desproteção das crianças contemporâneas. Como destaca Pereira (2012) é inegável a importância contemporânea de uma concepção de infância que considere a pluralidade que constitui essa experiência, mas que ao mesmo tempo não deixe de refletir sobre aquilo que a torna uma categoria social dotada de unidade. A autora ressalta que o modo como às crianças se relacionam com as produções culturais pode nos mostrar maneiras infantis de brincar, dialogar, escolher, apresentar-se e se posicionar sobre o mundo.

2 AS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS NAS MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS

É muito difícil pensar o cotidiano sem as mídias digitais. Essa expressão digital demarca uma diferença com relação aos meios de comunicação de massa, ou mídias analógicas, que em geral possuem uma base material, e as mídias digitais onde todos os dados são sequências de números interpretados por um computador. A possibilidade de compartilhar esses dados possibilitou o desenvolvimento de uma teia de conexões que veio a ser a internet (Martino, 2015).

Após a abertura comercial da internet, ocorrida na década de 1990, alterou-se ainda mais os fluxos de comunicação vigentes, possibilitando a criação de novos formatos e de novas formas de sociabilidade para o ambiente online. A partir do início do século XXI com a Web 2.0² as pessoas reinventaram um modo de interagir, compartilhar e relacionar-se, desconsiderando as barreiras de tempo e espaço, distribuindo conteúdos gerados e mantidos pela conectividade social (Koo, 2011). Com essa “nova web”, o usuário deixa de ser apenas o receptor das informações pré-existentes dentro da internet e passa atuar também como gerador de conteúdos. As redes sociais então se fortaleceram sustentadas em um tipo de relação pautada pela flexibilidade de sua estrutura, pela unidade de objetivos e pela dinâmica entre os participantes.

Com o advento da rede social em mídia digital as pesquisas sobre crianças e as mídias adotaram perspectivas disciplinares mais diversificadas. Pesquisadores como Buckingham (2007), Barra (2002); Rivoltella (2013), Kalantzis (2012) Lankshear e Knobel (2011); Martín-Barbero (2002) produziram importantes reflexões sobre a relação entre crianças e mídias sociais digitais.

Buckingham (2007) um dos principais especialistas nos estudos sobre criança e tecnologia, considera que, em um tempo de globalização e de transmissão veloz da informação, as redes sociais digitais reconhecidas como portadoras de novas propriedades e dinâmicas de pertencimento social, firmam seu espaço como importante ferramenta na construção das identidades pessoais. Para Buckingham (2012) a produção de sentido a partir das mídias é compreendida como um processo complexo de negociação social, portanto, para entender as nuances da interação com a mídia é preciso considerar os processos de construção pessoal e cultural que ocorrem simultaneamente tanto no âmbito pessoal quanto social. Não é possível, então, isolar a tecnologia e sua capacidade de produzir efeitos sobre as crianças.

Autores como Barra (2002) e Buckingham (2012) atentam para o fato de que os meios

² Termo usado por O'Reilly para definir o alto grau de interatividade

eletrônicos e a internet não podem ser considerados como causa única das mudanças operadas na infância contemporânea, considerando que a condição infantil está relacionada também a outros fatores, e que se estabelece nas diversas esferas de experiência da criança, como a família, a escola, entre outros. Almeida, Delicado e Carvalho (2013) contribuem para esse debate ressaltando a importância do contexto familiar. Segundo os autores, as crianças revelam práticas muito distintas de uso da internet dependendo da posição social da sua família, no caso, medida pelo grau de escolaridade dos pais. Em famílias cujos pais apresentam uma escolaridade inicial a criança assume uma superioridade de competência sobre os pais; nas famílias mais favorecidas intelectualmente a internet funciona como uma plataforma familiar, aproximando seus membros, sob a liderança e o acompanhamento próximo dos mais velhos.

Cabanzio (2013) realizou uma revisão sistemática da literatura sobre a subjetividade da infância a partir da interação com as mídias digitais. Sua pesquisa concluiu que nesse contexto de interação emergem outros modos de relação baseados em novas temporalidades e formas de percepção, raciocínio e aprendizagem, mantidos pelas linguagens audiovisuais.

No Brasil, os estudos sobre infância e mídias digitais permanecem ainda bastante concentrados nas disciplinas de Comunicação Social (Simões, 2009, 2013; Kampf, 2011; Santaella, 1992; Ferreira, 2008; Vieira e Ferreira, 2007; Lemos 2004; Fernandes e Diniz 2016; Tomaz, 2017; Espinosa, 2016) e da Educação (Fantin, 2014,2016; Ribes, 2013; Martins e Castro, 2011; Santos, 2005; Mattos, 2011; Santos e Santos, 2014, Ravásio, 2013; Primo, 2010; Fernandes e Diniz, 2016); das Ciências Sociais (Ricuerdo, 2009).

No campo da Psicologia, Menezes (2016) a partir de uma compreensão histórica da infância entende que entre os fatores de influência, a mídia, através de seus meios de transmissão, caracteriza-se como um forte poder de influência social. Aponta para a possibilidade dos meios de comunicação, com suas ofertas de consumo de produtos e ideias estar contribuindo para uma visão “adulta” da infância.

Francisco e Silva (2015), a partir da perspectiva vygotkiana, em especial no conceito de cultura, desenvolveram um estudo de caso de uma criança de seis anos. O objetivo era contribuir para a discussão da importância dos recursos tecnológicos, em especial o computador e o *tablet* na rotina de uma criança não alfabetizada e que nunca havia entrado em contato com esses recursos tecnológicos. Ao longo da pesquisa a criança foi se apropriando cada vez mais de informações sobre a usabilidade destes recursos, mesmo estando em processo inicial de aquisição do código escrito.

Kampf (2011) estudando a geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento traz as ideias propostas por Marc Prensky que considera as crianças como nativos digitais, e por isso possuem um perfil cognitivo alterado, com estruturas cerebrais mais rápidas e diferentes. Esse entendimento gera discussões no campo da ciência, como por exemplo, a posição do neurocientista Boncinelli (apud Kampf, 2011) que considera a cultura digital muito recente para afirmarmos que ela esteja provocando mudanças nas estruturas cerebrais.

Com o objetivo de entender melhor o que pensam e fazem os jovens no acesso às redes a pesquisa realizada por Fernandes e Diniz (2016) com estudantes de uma escola pública problematiza o fato de que os jovens mesmo estando conectados à internet não estão necessariamente submetidos a novos processos de produção, de experiência, de poder e cultura, pois dependem da mediação social. Os autores ressaltam a importância de entender quem são os adultos e jovens com os quais esse público convive e que tipo de experiências de comunicação é usual nas suas práticas sociais.

Muitos desses adultos e jovens que assumem um lugar significativo na vida de seus fãs são pessoas comuns que vêm ganhando popularidade por meio de suas produções na internet se tornando webcelebridades. Os youtubers, reconhecidos como webcelebridades, através dos seus vlogs³, ditam o que é tendência, instigam o mercado publicitário e têm cada vez mais jovens seguidores, prontos não só para ouvi-los, mas segui-los e venerá-los. Um exemplo disso é o Canal Whindersson Nunes⁴, com mais de 26 milhões de inscritos⁵ e com o posto de segundo youtuber mais influente do mundo⁶; e o Canal Kondzilla com mais de vinte milhões de inscritos⁷.

O site ChildLine⁸ divulgou que mais de 35 mil jovens declararam no seu site que estariam sofrendo por não conseguir encontrar caminhos para que pudessem se sentir felizes. De acordo com o site, esses problemas teriam emergido com uma relação direta com "cyber-bullying, acesso às mídias sociais e o desejo de copiar celebridades". Neste último caso, também se incluem as "webcelebridade"⁹, que são vistas pelos jovens como "pessoas

³ Ao invés de publicar textos e imagens, o vlogger faz um vídeo sob o conceito de monólogo, diretamente para a câmera sobre o assunto que deseja.

⁴ <https://www.youtube.com/user/whinderssonnunes>

⁵ Em 2016 eram 14 milhões.

⁶ Disponível em: <http://adnews.com.br/internet/brasil-tem-2-youtuber-mais-influente-do-mundo-e-mais-3-na-lista-dos-top10.html>.

⁷ <https://www.youtube.com/user/CanalKondZilla>

⁸ <https://www.childline.org.uk>

⁹ Pessoas que se tornaram conhecidas nas mídias digitais (Martino, 2015).

perfeitas, que possuem vidas perfeitas", e a falha nessa cópia estaria causando frustração e tristeza.

Segundo Bakhtin toda fala está intimamente vinculada ao seu receptor, aos outros que também constituem o falante, na dialética dinâmica da vida humana. Nossa fala está repleta de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos e modificamos (BAKHTIN apud SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

3 AS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS COM AS WEBCELEBRIDADES

Ao longo da história foram desenvolvidos vários tipos de organização social com um tipo particular de laços como base da convivência; temos então a organização familiar, dos amigos, dos laços de fé e no nosso século os laços construídos através das redes sociais digitais.

Inicia-se assim, uma proliferação de narrativas autobiográficas, através de weblogs, espaço onde o youtuber¹⁰ coloca imagens e narra cenas da sua vida cotidiana e “privada”, abolindo fronteiras entre ele e o mundo, experimentando um exercício de emissão e de construção de imagens identitárias. Paula Sibilia analisa que essa ancoragem que as narrativas têm no absolutamente banal quando expostas em rede acabam por constituir “uma relação social entre pessoas mediadas por imagens” (Sibilia, 2008, p.203). Segundo Wellman quando as mídias se tornam triviais com uma importante articulação com o cotidiano é que elas se tornam realmente importantes, não pela mídia em si, mas pelas relações humanas ligadas a elas (Wellman apud Martino, 2015).

Para Granja¹¹

Um dos motivos que torna os youtubers tão influentes é o fato de eles serem pessoas reais, gente como a gente. Não são personagens construídos através de estratégias de consultores de imagem e marketing e o público entende isso. Quanto mais natural e verdadeiro, maior é a identificação e o nível de engajamento (Granja, 2014).

Simões (2013) fez um breve histórico a partir de algumas abordagens sobre o estudo das celebridades ressaltando a importância de analisar uma celebridade como fenômeno comunicativo construído a partir de múltiplas interações: com a mídia, com o público, com o

¹⁰ Grupos compostos principalmente de jovens nascidos entre a década de 1980 e 2000 que fazem vídeo para o youtube.

¹¹ curadora do portal Youpix sobre cultura da inerente e do Youtube.

contexto e com os diferentes significados que são construídos em torno dela.

Segundo Rojek (2008), as celebridades são fabricações culturais, parte de um mercado de sentimentos, cujas narrativas estão inseridas em um contexto histórico cultural e socioeconômico, sendo intertextualmente construída. Ainda segundo o autor (2008), as celebridades representam modos típicos de se comportar, sentir e pensar e são moduladas e modificadas pela mídia e pela assimilação produtiva do público.

Diferenciado do herói, que eram reconhecidos por suas conquistas e por seus atos de coragem, uma celebridade conferida pela tradição ou adquirida pelas realizações feitas, Rojek (2008) propõe a celebridade atribuída, resultante da intermediação cultural.

A interação entre a celebridade e o fã, denominada do tipo parassocial por Rojek (2008) resulta das “Relações de intimidade construídas através da mídia, e não pela experiência direta e encontros cara a cara”. Por não existir contato direto entre as partes, os fãs lidam com a representação da celebridade e com a sensação de uma aproximação ilusória, advinda da espontaneidade dos vídeos e da abertura à intimidade dos youtubers.

Marshall (1997p57) estuda as celebridades como signos, por representarem algo diferente de si mesmas: “A realidade material do signo da celebridade – isto é, a pessoa do momento que está no centro da representação – desaparece em uma formação cultural de significado”. O autor defende que tal signo seja “uma área de negociação entre o público, a mídia, e a celebridade” (2007:12). Como o signo/celebridade faz parte de um sistema de signos, o autor prefere observar a celebridade como um texto, que articula cadeias de significações. É preciso atentar, pois, para a intertextualidade da construção do signo/celebridade. É da tensão entre o que a audiência pode saber e o que é impossível conhecer sobre a celebridade que se constrói a relação entre a primeira e a segunda.

O trabalho de Vasconcelos e Zanetti (2017) discute a webcelebridade como um elemento simbólico que rompe com o estatuto histórico da fama e transforma o cotidiano de seus personagens em assuntos passíveis de serem espetacularizados. As autoras analisam o encontro das múltiplas identidades – a da webcelebridade com a de seus fãs – como desencadeador do processo de projeção e identificação que invade diversos âmbitos de nossa vida cotidiana, como os afetos, os comportamentos, a moda etc.

Sibilia (2009) considera que há uma invasão pública daquilo que antes era do privado, criando um contexto de espetacularização da intimidade cotidiana, com o fim de constituir-se como um Eu, agora não mais íntimo, mas sim, visível. Sibilia (2000) e Amante & Mendes (2017) ao discutirem o conceito de público e privado, consideram a relação sujeito e mídias digitais um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que há um cuidado com a preservação de

certos dados pessoais (documentos, contas bancárias), há uma exibição sem temores do sujeito no mundo digital; ao mesmo tempo em que permitem o contato mais próximo, criando uma sensação de companhia, mantêm uma distância em rede.

Boyd (2011) entende que a noção de privacidade está, na verdade, em processo de reconfiguração para atender as necessidades de novas estratégias de significação inerentes aos ambientes digitais. Para a autora, essa reconfiguração dilui as fronteiras entre o público e o privado e passa a compor um fator importante no desenvolvimento do *self*. Como reflete Martino (2014) e Castell (2010) o caráter relacional é uma das principais características das redes sociais, são os laços entre os participantes que compõem a base de seu fundamento.

Diferentemente dos fãs de celebridades da mídia massiva, Senft (apud Primo, 2009) aponta que a questão para os internautas não é saber detalhes sobre a vida pessoal das personalidades da *web*. Para eles, o que importa é estar conectado – é a conexão entre as pessoas. Essa característica demarca uma diferenciação da relação de separação entre o fã e sua celebridade, típica no contexto das tradicionais celebridades.

Gergen (2000) já apontava que a explosão de tecnologias da comunicação, no sentido da variedade de meios e das possibilidades de relação, permitiria que as pessoas se relacionassem de modos diferentes e divergentes. Ao analisar os novos cenários em que o *self* estaria em desenvolvimento, o autor se referiu à existência de “tecnologias de saturação social”. No sentido tomado por ele, não se trata apenas de considerar a novidade tecnológica em si, trata-se de observar a variedade de meios ao nosso redor, e ao fato de nos darem a possibilidade de relações e comunicações em distintas maneiras e divergentes modos como nunca no passado (GERGEN apud SOUSA; BRAGA, 2013, p. 10).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no pressuposto de que a infância é uma narrativa da experiência da criança em um determinado contexto histórico e cultural, esse breve levantamento buscou entender, quais foram os principais discursos produzidos, na última década, sobre relação da criança com as mídias digitais e mais especificamente a construção de laços com as celebridades da *web*. De acordo com os estudos desenvolvidos, as transformações mais relevantes para a constituição do desenvolvimento tipicamente humano não estão na biologia do indivíduo, mas nas circunstâncias histórico-culturais, nas interações e nas peculiaridades das experiências de cada sujeito. Portanto, compreender o desenvolvimento como eminentemente dialógico,

relacional e histórico implica em considerar os aspectos culturais de mediação que operam ao longo desse processo desenvolvimental.

É no contexto das práticas diárias e em seus microssistemas que as pessoas constituem a subjetividade em meio à polifonia e à multidimensionalidade da vivência humana, e da produção dos significados. A análise da interação com as webcelebridades nos diários virtuais poderá trazer um entendimento sobre a infância e os processos de desenvolvimento e de construção de sentidos e significados pessoais e culturais na sociedade contemporânea, possibilitando repensar como o encontro permanente e incessante com um outro possibilita reconhecer a pluralidade do que se é e do que se pode vir a ser.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Alessandra; CAMPOS, Marília. Agora eu era o Rei: a reinvenção da Infância. In: SAMPAIO, Inês; CAVALCANTE, Andréa; ALCÂNTARA, Alessandra (Orgs.). **Mídia de Chocolate, estudos sobre a relação infância, adolescência e comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

ALMEIDA, A.N. de; ALVES, N. de A.; DELICADO, A.; CARVALHO, T. Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. **Análise Social**, v.2, p. 340-365, 2013.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen; DELGADO, Ana Cristina; TOMÁS, Catarina. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? quais teorias? quais questões? quais métodos?. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i3.35869>. Acesso em: abr. 2018.

BARRA, Sandra. Infância e internet: interações na rede. Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, 2009. **Anais do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção**, 2009. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628eddb83d72_1.pdf. Acesso em: mai. 2016.

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics: Affordances, dynamics and implications. In: Papacharissi, Z. A. **Networked self: identity, community and culture on social networked sites**. London: Routledge, 2011.

BRANCO, Angela; PIRES, Sergio. Cultura, Self e Autonomia: Bases para o Protagonismo Infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p. 415-421, 2008.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Florianópolis, 2006.

CABANZIO, Ana Brizet Ramírez. Infancias, nuevos repertorios tecnológicos y formación. **Signo y Pensamiento**, v. XXXII, n. 63, p. 52 – 68, 2013.

CAMPOS, Renata. Infância e infantil: diferenciação conceitual e repercussões clínicas. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 58--71, 2014.

CASTELLS, M. A. *A Sociedade em Rede*. Vol. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORSARO, William. A entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: jul. 2016.

ESPINOSA, Juliana Ribeiro. **Youtubers teen**: a influência dos vlogs às novas gerações. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, Eliane Maria; SARAT, Magda. Criança (s) e infância (s): perspectivas da história da educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n.27, p. 234 - 252, 2013.

FRANCISCO. D.; SILVA, A. Criança e apropriação tecnológica: um estudo de caso mediado pelo uso do computador e do tablete. **Revista Holos**, ano 31, vol. 6, 2015.

FRANÇA, Vera et al. **Celebridades do século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FREIRE, Sandra F. de Dourado; BRANCO, Ângela. A Teoria do Self Dialógico em Perspectiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 32, n. 1, p 25-33, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016012426025033>. Acesso em: set. 2016.

FREIRE, Sandra F. De C. Dourado. **Concepções Dinâmicas de si de crianças em escolarização**: uma perspectiva dialógica desenvolvimental. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GERGEN, Kenneth J. **The Saturated Self**. New York, NY: Basic Books, 2000.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância**: fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papirus, 1996.

LIVINGSTONE, Sonia. Reframing media effects in terms of children's rights in the digital age. **Journal of Children and Media**, v. 10, n. 1, p. 4-12, 2016.

MENEZES, Sandra Maria Moreira. Adultização da infância pela mídia: uma leitura sócio-histórica. **Revista Psicologias**, vol. 2, 2016. Disponível em <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/psi/article/view/269>. Acesso em: ago. 2017.

NASCIMENTO, Claudia; BRANCHER, Vantoir; OLIVEIRA, Valeska. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-18, 2008.

PEREIRA, Rita Maria Ribes. Crianças nas redes sociais online. II Jornadas Internacionales “Sociedades Contemporáneas, Subjetividad y Educación”, 2014. **Anais da II Jornadas Internacionales** “Sociedades Contemporáneas, Subjetividad y Educación”, 2014.

PIMENTEL, M. C. A construção da celebridade midiática. **Contemporânea**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 193-203, 2005.

POSTMAN, Neil. **Desaparecimento da infância**. São Paulo: Graphia, 1999.

PRIMO, Alex. Existem celebridades da e na blogosfera: reputação e renome em blogs. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p 107-116, 2009.

QVORTUP J. Nove teses sobre a infância como um fenômeno social. **Pro-Posições**, v. 22, n. 1, p.199-211, 2011.

ROCANCIO, Monica Moreno. **Dinâmica das significações de si em crianças na perspectiva dialógico-cultural**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2015.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

SALGADO, J.; CLEGG, J.W. Dialogism and the psyche: Bakhtin and contemporary psychology. *Culture & Psychology*, v. 17, n. 4, p. 421-440, 2011.

SANTINELLO, J.; VERSUTI, A. Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. pp. 185-197. ISBN 978-85- 7879-283-1.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 20, n.3, p. 745-756, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P. En busca del aura perdida: Espectacularizar la intimidad para ser alguien. **Psicoperspectivas**, 2009. VIII, p. 309-329. Disponível em: <http://www.psicoperspectiva.cl> Acesso em: jul. 2017.

SIMÕES, Paula. Celebridades na sociedade midiaticizada. **Revista Eco Pós Perspectiva**, v. 16, n. 1, p. 104-119, 2013.

SOUZA, Solange J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygosky e Benjamim**. Campinas: Papirus, 2012.

TOMAZ, Renata de Oliveira. Infância e mídia: breve revisão de um campo em disputa. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 03, 2016.

VASCONCELLOS, A. M.; ZANETTI, D. (Web)celebridade: O sujeito ordinário e a narrativa cotidiana sob holofotes. **Lumina**, 11(1). Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, v.11, n.1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21395>. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2017.v11.21395>. Acesso em: jun. 2016.